



A REPERCUSSÃO DA EXPOSIÇÃO GERAL DA ACADEMIA IMPERIAL DE BELAS ARTES DE 1884, A ÚLTIMA REALIZADA DURANTE O IMPÉRIO

Maria Antonia Couto da Silva. IFCH/UNICAMP

RESUMO: A 26ª Exposição Geral da Academia de Belas Artes foi a última realizada durante o Império. Vários críticos do período como Félix Ferreira e Gonzaga Duque enfatizaram a relevância do evento. Essa mostra, juntamente com a Exposição do Liceu em 1882, consagrou a pintura de paisagem e, principalmente, de Grimm e dos artistas ligados a ele. Nesta comunicação pretendo discutir as principais questões apontadas pela imprensa acerca da Exposição realizada no Rio de Janeiro em 1884.

Palavras-chave: Pintura. Brasil. Século XIX. Arte. Brasil. Século XIX.

SOMMAIRE: L'Exposition général 26 de l'Académie des Beaux-Arts a été le dernier lieu pendant l'Empire. Plusieurs critiques de l'époque comme Felix Ferreira et Gonzaga Duque ont souligné l'importance de l'événement. Ce spectacle, avec l'exposition du lycée en 1882, a consacré la peinture de paysage, et surtout Grimm et les artistes qui s'y rattachent. Dans cette communication, j'ai l'intention de discuter des principales questions soulevées dans la presse au sujet de l'exposition qui s'est tenue à Rio de Janeiro en 1884.

Mots-clés: Peinture. Brésil. XIXe siècle. Art. Brasil. XIXe siècle.

A 26ª Exposição Geral da Academia de Belas Artes foi a última realizada durante o Império. Vários críticos do período, como Félix Ferreira e Gonzaga Duque apontaram a relevância do evento. Participaram do evento setenta e cinco artistas, que apresentaram trezentos e noventa e nove trabalhos. Nesse evento podemos destacar, entre os participantes: Firmino Monteiro, Augusto Duarte, Aurélio de Figueiredo, Castagneto, Georg Grimm, Almeida Júnior, José Maria de Medeiros, Facchinetti, Pedro Américo, Rodolfo Amoedo, Thomas Driendl e Vitor Meirelles.

As principais fontes para o conhecimento sobre o evento são os textos de Félix Ferreira e Gonzaga Duque, que serão abordados posteriormente. Nessa comunicação será abordada a repercussão da mostra em alguns periódicos cariocas como a *Gazeta de Notícias*, o *Jornal do Commercio* e a *Revista Ilustrada*.

Os textos de L.S. para a *Gazeta de Notícias*

O jornal *A Gazeta de Notícias* publicou um conjunto de textos interessante, assinado por um mesmo articulista, L.S.. O jornal foi fundado no Rio de Janeiro em 1875, sendo José Ferreira de Sousa Araújo seu editor responsável até 1900, data de seu falecimento¹. Destacou-se como um jornal barato, de ampla informação, com uma linguagem direta, que conferiu grande destaque à literatura. A publicação possuía caráter liberal e antiescravocrata.

Acerca da autoria da série de artigos, uma tese de doutorado nos esclareceu sobre a identidade de L.S.: ele seria Ferreira de Araújo, que também assinava uma coluna de comentários irônicos como Lulu Senior². Ferreira de Araújo escrevia frequentemente sobre política e era também próximo aos artistas, sendo inclusive um colecionador de arte.

Uma primeira questão apontada por L.S. nesses artigos foi a do pagamento dos ingressos, introduzido nesta exposição, juntamente com o dia reservado às elites, com ingresso de valor mais elevado. A cobrança de ingressos, solicitada pelos artistas, tinha a finalidade de permitir aquisição de obras pela Academia. O articulista comentou repetidamente sobre a falta de interesse das elites, denominadas *high-life*, que deveriam frequentar a exposição às quintas-feiras³.

A questão da diminuição do público, a princípio não habituado ao pagamento de ingressos, foi motivo de charge publicada na *Revista Illustrada*, que nos permite conhecer também a maneira de exposição dos quadros na época (fig. 1)⁴.



Fig. 1 - *Revista Ilustrada*, 1884, n. n. 396, 30 de nov. 1884, p.4-5. Texto abaixo da imagem: "Exposição de Belas Artes" – Em todo o mês de nov. continuou a haver extraordinária concorrência. Sobretudo nas 5ª feiras, dias consagrados à fina flor da sociedade fluminense.

Como nota Letícia Squeff, seguindo o modelo dos Salões franceses, os quadros de pintura de história eram colocados em um plano mais elevado, abaixo desses eram colocados os retratos e no nível inferior os quadros de pintura de gênero, natureza-mortas e paisagens, de dimensões menores⁵.

Os grandes destaques da exposição, segundo o articulista da *Gazeta de Notícias*, foram obras de Vítor Meirelles, Pedro Américo, Aurélio de Figueiredo e na escultura, de Rodolfo Bernardelli. Em relação aos quadros de Pedro Américo, L.S. lembrou a atividade do artista também como professor de arqueologia, estética e história da pintura. Estabeleceu uma crítica a certa teatralidade e falta de veracidade histórica em quadros como *Judite e Holofernes*, obra que também foi motivo de comentário de Oscar Guanabara no *Jornal do Comércio* e de Félix Ferreira, como será discutido posteriormente⁶.

Outro destaque no conjunto de artigos de L.S foi a pintura de paisagem. Ele dedicou também longos artigos a obras de Grimm e Facchinetti. Sobre Grimm informou que este apresentou quatro telas na exposição: *Vista tomada da rua Cassiano, em Santa Teresa*; *Vista da Ponta de Icaraí*; *Vista da Boa Viagem* e *Vista do Cavalão*. No primeiro quadro, lamentou a escolha do artista em representar um dia chuvoso, que não seria típico da paisagem brasileira, e pela escolha do ponto de vista, que levou o artista "a encher de verde talvez duas terças partes do seu quadro". Na opinião do articulista, o quadro teria um "tom geral triste" e afirmou,

Tudo o que ali está, é verdade, tomando isoladamente cada uma das partes; o todo, por conseguinte, é verdadeiro, em um momento dado; mas esse momento não é característico, pelo que já disse; porque, para dar idéia da cidade e baía do Rio de Janeiro, convém preferir os dias claros, límpidos, brilhantes ⁷.

Analisou também o quadro de Grimm intitulado *Vista do Cavalão*, elogiando a areia luzidia e o mar tranquilo e afirmou: “foi neste quadro que o Sr. Grimm espalhou a mãos cheias o ar e a luz. A gente sente-os entre as árvores, respira-o e aquece-se. É neste quadro que mais fielmente o Sr. Grimm reproduz a nossa natureza ⁸.

O articulista destacou como grandes novidades da exposição as obras de Amoedo e Almeida Júnior. Entre as obras de Amoedo, os quadros *Estudo de mulher* e *A Partida de Jacó* exemplificaram, em sua opinião, os progressos realizados pelo artista. Já o *Último Tamoio*, considerado “mais trabalhado, talvez mais hábil” agradou menos ao autor, que comentou:

Para ser verdadeiro, Amoedo teve de fazer um tipo feio de índio morto, meio inchado, ao lado de um frade, que o capuz quer engolir, fazendo frente a uma paisagem triste, em que só há uma nota verdadeiramente viva, a onda que se quebra e atirou à praia o corpo do selvagem ⁹.

O autor mencionou também cópias apresentadas pelo artista, em sua maioria pinturas de gênero, de difícil visualização na exposição. Pelo conjunto de obras apresentadas, considerou Amoedo um “pintor de futuro”.

Outro artista considerado promissor foi Almeida Júnior, que expôs os quadros *Fuga para o Egito*, *O Remorso de Judas*, *Derrubador Brasileiro* e o *Descanso do Modelo*, que teria feito sucesso no *Salon* de Paris, sendo reproduzido em gravura, segundo crítica de Angelo Agostini.

Podemos notar como L.S., além de descrever de maneira cuidadosa principais obras expostas, procurou apontar modelos para os artistas, tanto no campo da pintura de paisagem quanto de gênero. Os artigos escritos pelo próprio redator-chefe do jornal, possuem vários em pontos em comum a textos da *Revista Illustrada*, provavelmente de autoria de Angelo Agostini, e de Félix Ferreira, personalidade associada à própria história do Liceu de Artes e Ofícios. Podemos perceber que começa a se estabelecer nesta época um discurso em relação aos gêneros da pintura e aos modelos a serem seguidos, conforme será comentado posteriormente.

Jornal do Commercio e Revista Illustrada

A Exposição da Academia de Belas Artes de 1884 foi analisada por Oscar Guanabarro em quatro artigos para o *Jornal do Commercio*. Este periódico, fundado no Rio de Janeiro em 1827 e ainda ativo, era um dos jornais de maior circulação em sua época, de tendência conservadora. Como nota Fabiana Granjeira, Guanabarro revelou o interesse por pintura de costumes e de paisagem, e cada vez maior desinteresse pela pintura histórica. Para a autora: “as cenas de cotidiano ou costumes, ou os temas regionais, parecem, desde o início, agradar ao autor, enquanto que os temas bíblicos irão desinteressar-lhe progressivamente”¹⁰.

O articulista preocupou-se com a representação da especificidade da vegetação e das paisagens brasileiras. Sobre o quadro *Iracema*, de Medeiros, ele comentou o texto literário que inspirou o artista e questionou-se se a paisagem representada seria típica do Ceará¹¹. Acerca de obras de Amoedo, Guanabarro criticou a falta de veracidade histórica, como em *O Último Tamoio*. Transcrevendo um trecho do poema *A Confederação dos Tamoios*, de Gonçalves de Magalhães (1856), lembrou que o pintor deveria ter representado dois corpos na praia, dos personagens Iguaçu e Aimberê¹². Assim, afirmou, não poderia ser considerado um quadro histórico, devido à falta de “uma das condições essenciais – a verdade”¹³.

Pedro Américo foi o principal alvo de suas críticas mais veementes, por sua posição na Academia, e por lecionar estética e arqueologia: “Os descuidos históricos nos quadros do Sr. Pedro Americo devem ser sempre notados; eis porque os apontamos”¹⁴.

A *Revista Illustrada* publicou alguns artigos sobre a exposição, provavelmente de autoria de Angelo Agostini. Divulgou ainda quatro ilustrações de página dupla, os chamados salões caricaturais, em que apresentou, muitas vezes de maneira irônica, algumas das obras presentes na exposição. As críticas da publicação voltaram-se à Academia de Belas Artes, cujo ensino era considerado deficiente, e a seus professores, principalmente Victor Meirelles e Pedro Américo, embora ainda tivesse pelo último alguma simpatia.

Como Rosângela Silva, o trabalho de Agostini alcançou repercussão popular, e “é muito provável que existisse uma intenção de repercutir da forma mais ampla possível, portanto, uma linguagem menos sofisticada ou mais popular como a caricatura poderia garantir um diálogo mais abrangente”¹⁵.

Os escritos de Félix Ferreira sobre a exposição de 1884

O texto do livro *Belas Artes*, de Félix Ferreira, é uma das principais fontes para o conhecimento sobre a exposição do Liceu e a da Academia de Belas Artes de 1884. O texto não é tão descritivo nem aborda tantas obras quanto os artigos publicados, por exemplo, na *Gazeta de Notícias*. Félix Ferreira tratou, principalmente, de questões relativas à Galeria de Arte Brasileira e questões teóricas acerca dos gêneros na pintura. Defendeu também a necessidade de investimento em técnicas como litografia, xilografia e fotografia, consideradas vulgarizadoras da arte.

Ferreira preocupou-se com a falta de exatidão histórica, presente em obras da exposição da Academia de 1884 e com a precariedade do ensino artístico no Brasil¹⁶. Levando em conta as condições de trabalho dos artistas no Brasil considerou a mostra digna de elogios. Tratou da crise na pintura de história e da ascensão da pintura de paisagem, em uma passagem conhecida de seu livro *Belas Artes*.

O autor considerou a pintura de paisagem um gênero fundamental na constituição da Escola Brasileira. Como nota Tadeu Chiarelli, ele talvez seja o primeiro a exaltar a paisagem na produção de Vitor Meirelles e afirmou, ao tratar do quadro *A Primeira Missa no Brasil*: “É tão belo e primoroso esse quadro, que, [...] lamenta-se que o grande colorista tenha abandonado a paisagem brasileira, para a qual tão propício se mostra sempre o seu culto e possante talento artístico”¹⁷.

O crítico destacou alguns quadros de Rodolfo Amoedo, afirmando que “alguns dos seus trabalhos já figuraram e foram notados no grande Salão parisiense; tem já, por conseguinte, a consagração da capital do mundo artístico”. Ferreira concluiu o texto tratando da pintura de paisagem: “notamos com prazer que nesta *Exposição* predomina a paisagem; que os nossos pintores voltam-se à natureza e começam a compreendê-la e admirá-la. Exceção feita ao Sr. Pedro Américo, que, há anos, retirado à Itália, deu preferência à pintura bíblica, histórica e de costumes”¹⁸.

A exposição foi visitada por mais de vinte mil pessoas. Aparentemente devido à falta de verbas esta foi a última exposição realizada pela Academia durante o Império, sendo a próxima realizada apenas em 1890, no período republicano. No fim da década de 1880, portanto, os artistas expuseram em mostras em sua maioria individuais, realizadas em galerias particulares e também nas salas da própria Academia.

Em relação à premiação da exposição, as medalhas de ouro foram conferidas a Castagneto e Grimm, pintores paisagistas. Foram premiados também Driendl e Abigail de Andrade, que apresentaram em sua maioria pinturas de gênero ¹⁹.

O evento destacou a produção de Georg Grimm, conforme comentamos anteriormente. Como nota Luciano Migliaccio, o pintor introduziu no Rio de Janeiro “não tanto a pintura ao ar livre, mas uma nova maneira de entender a arte, identificada com a própria vida, com a liberdade de escolha dos motivos do fotógrafo”. Migliaccio destaca ainda a atuação de Amoedo na época, afirmando que “as primeiras obras com as quais o pintor se apresentou ao público do Rio na última grande exposição pública da época imperial, em 1884, eram o resultado de seus estudos parisienses, mas, ao mesmo tempo, já evidenciavam de forma contundente sua originalidade no panorama da arte brasileira”.²⁰

Por meio dos debates na imprensa, podemos destacar uma visão da arte brasileira defendida pelos principais jornais a partir desta época, que privilegia a pintura de paisagens e de costumes. A presença do humor e da ironia, presentes não apenas na *Revista Ilustrada*, mas em textos da *Gazeta de Notícias*, jornal de apelo popular, e do *Jornal do Commercio*, tido como mais sisudo, são dados novos acerca da crítica de arte no Brasil. Gostaríamos também de ressaltar que os críticos Félix Ferreira e Gonzaga Duque retomaram em seus livros algumas questões muito debatidas na imprensa da época, realizando uma espécie de balanço das exposições de 1882 e 1884. As inovações na pintura foram percebidas, conforme já comentamos anteriormente, na pintura de paisagem e de gênero, com destaque para obras de Grimm, Castagneto, Facchinetti, Driendl, Amoedo e Almeida Júnior.

NOTAS

¹ José Ferreira de Sousa Araújo (Rio de Janeiro, 1848/ 1900), formado em medicina, foi também jornalista, teatrólogo e poeta.

² RAMOS, Ana Flávia Cernic. *As máscaras de Lelio: ficção e realidade nas "Balas de Estalo" de Machado de Assis*. Tese (Doutorado), Universidade Estadual de Campinas, (Prof. Dr. Sidney Chalhoub), Campinas, 2010, p. 156, nota 124.

³ L.S.. “Exposição de Belas Artes”, *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 23 de agosto de 1884, p. 1.

⁴ *Revista Ilustrada* n. 396, 1884, p.4-5.

⁵ SQUEFF, Leticia. “As Exposições Gerais da Academia de Belas Artes: teatro de corte e formação de um mercado de artes no Rio de Janeiro”. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, n. 23, nov 2011, p. 124-133.

⁶ L.S.. “Belas Artes”, *Gazeta de Notícias*, 8 de setembro de 1884, p.1.

⁷ L.S.. “Belas Artes”, *Gazeta de Notícias*, 27 de setembro de 1884, p.1 .

⁸ Idem.

⁹ L.S.. “Belas Artes”, *Gazeta de Notícias*, 4 de setembro de 1884, p.1.

¹⁰ GRANGEIA, Fabiana Guerra. *A crítica de artes em Oscar Guanabarro: artes plásticas no século XIX*. (Dissertação de mestrado), IFCH, UNICAMP, (Prof. Dr. Jorge Coli) Campinas, 2006, p. 33.

¹¹ Folhetim. A Exposição de Belas Artes. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 28 de agosto de 1884, p. 1.

¹² *Jornal do Comércio*, 28 de agosto de 1884, p.1.

¹³ Idem.

¹⁴ "Belas Artes", *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 17 de outubro de 1884, p.1.

¹⁵ SILVA, Rosângela de Jesus. *Os Salões Caricaturais de Angelo Agostini*. 19&20, Rio de Janeiro, v. I, n. 1, mai. 2006. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/criticas/txtcriticas_rosangela.htm>

¹⁶ FERREIRA, Félix. *Belas Artes: estudos e apreciações* [1885]. 2.ed..Porto Alegre : Zouk, 2012, p. 180.

¹⁷ Idem, p. 204.

¹⁸ Idem, p.223.

¹⁹ apud CAVALCANTI, 2003, op. cit., p. 49-50.

²⁰ MIGLIACCIO, Luciano. "Rodolfo Amoedo. O mestre, deveríamos acrescentar". In L. Marques (org.). *30 Mestres da Pintura no Brasil*. São Paulo: MASP, Rio de Janeiro: MNBA, 2001, p. 31.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, Ana Maria Tavares. "A relação entre o público e a arte nas Exposições Gerais da Academia de Belas Artes do Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX". Anais do XXII Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte. Rio de Janeiro: Comitê Brasileiro de História da Arte, 2004:49-58.

CHIARELLI, Tadeu. "Arte, técnica e identidade nacional no Rio de Janeiro, século XIX: sobre a contribuição de Félix Ferreira". In FERREIRA, Félix. *Belas-Artes: estudos e apreciações* [1885]. 2.ed..Porto Alegre : Zouk, 2012, p. 9-46.

DUQUE-ESTRADA, Gonzaga. *A arte brasileira*. [1888]. Introdução Tadeu Chiarelli. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

FERREIRA, Félix. *Belas Artes: estudos e apreciações* [1885]. 2.ed..Porto Alegre : Zouk, 2012.

MIGLIACCIO, Luciano. "O século XIX". In: MOSTRA DO REDESCOBRIMENTO, 2000, São Paulo. *Arte do século XIX*. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo: Associação Brasil 500 anos Artes Visuais, 2000.

SILVA, Rosângela de Jesus. "Angelo Agostini, Felix Ferreira e Gonzaga Duque Estrada: contribuições da crítica de arte brasileira no século XIX". Campinas, *Revista de História da Arte e Arqueologia*, n.10, jul-dez 2008, p. 43-71, p. 52.

SQUEFF, Letícia. "As Exposições Gerais da Academia de Belas Artes: teatro de corte e formação de um mercado de artes no Rio de Janeiro". *Arte & Ensaios*, n. 23, nov 2011, p. 124-133.

Maria Antonia Couto da Silva

Pós-doutoranda em História da Arte pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP. Doutora em História da Arte pelo mesmo instituto. Bolsista da FAPESP.